

Estou no Facebook, logo existo!

Valdir José de Castro*

Resumo

O ser humano não somente está no mundo, mas também busca marcar essa presença especialmente por meio da interação com outras pessoas. A relação se dá nas várias ambiências criadas pelo próprio homem, dentre essas a engendrada pelos meios digitais, especialmente o ciberespaço – que se transformou num autêntico “lugar” onde as pessoas interagem buscando contatos, autoafirmação e notoriedade. O Facebook é a rede por onde circula mais de um bilhão de pessoas. Se fosse um país, seria um dos mais populosos do mundo, juntamente com a China e a Índia. O que está por trás da conexão em rede? Como entender esse fenômeno no contexto da comunicação, enquanto condição humana?

Palavras-chave: Ciberespaço. Redes sociais. Tecnologia. Facebook. Ambiência. Relações. Humanismo.

Abstract

Besides inhabiting the Earth, Humanity also wants to make his presence visible, especially through personal interaction. The relationship is established within the different ambiances created by the man himself, as well as the engendered by digital media, especially the cyberspace – which has become a real “place” where people can interact in the quest for contact, self-affirmation and notoriety. Facebook is the network which congregates around one billion people. If it were a country, it would be one of the most populous in the world, along with China and India. What hides behind the network connection? How to understand this phenomenon in the context of communication, as Human?

Keywords: Cyberspace. Social networking. Technology. Facebook. Ambience. Relationships. Humanism.

* Valdir José de Castro é licenciado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (1983), graduado em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (2000) e em Teologia pelo Instituto Teológico São Paulo (1987). É mestre em Teologia (com especialização em Espiritualidade) pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1994) e em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero (2004). É doutor em Comunicação e Semiótica pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2016). Já foi diretor da Faculdade PAULUS de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Atualmente coordena a coleção “Comunicação” da PAULUS.

A ambiência “ciberespaço”

Vivemos a era da cibercultura. Conforme elucidada Santaella, “cibercultura é uma formação cultural com especificidades que são próprias do potencial informacional das conquistas computacionais e que convive de maneira cada vez mais híbrida com outras formações culturais precedentes, remanescentes e ainda vivas: a oralidade, a cultura escrita, a impressa, a massiva e a cultura das mídias”.¹

Como em todas as eras anteriores, em que os novos instrumentos técnicos de comunicação marcaram e alteraram hábitos da vida individual e social, também em nossos dias, “apocalípticos e integrados”, na expressão de Umberto Eco, tomam suas posições frente à realidade da ambiência produzida pelos instrumentos digitais em rede, denominada ciberespaço.²

De fato, desde que as redes tornaram-se lugar de produção de conteúdo, de conexão livre entre pessoas e grupos e de reconfiguração da vida social, política e cultural, elas passaram a ser objeto de debates, nos quais têm sido apontados aspectos positivos e negativos. No bojo dessas discussões, Castells,³ já na última década do século XX, fazia ecoar uma das indagações comuns na época: a internet favorece a criação de novas comunidades, comunidades virtuais,

ou, pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com a sociedade e, por fim, com o mundo “real”?

Tal discussão, se o virtual está ou não em contraposição com o real, temática recorrente nos inícios da disseminação da comunicação em rede digital, parece-nos já superada, uma vez que está cada vez mais patente que a vida é uma só. Ou seja, não existe uma vida *on-line* e outra *off-line*, mas uma única vida na qual entram em jogo as ações humanas.

Isto não significa que tudo o que está na rede seja positivo e que nada possa ser objeto de crítica. É prudente a posição de Levy ao afirmar: “Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja ‘bom’. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista”⁴.

É a partir dessas premissas que queremos focar o fenômeno das comunidades virtuais, de modo especial o Facebook, geradas na ambiência chamada “ciberespaço”. O olhar maniqueísta apenas impede aprofundar o assunto com a objetividade exigida

1 SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 39.

2 O ciberespaço é a forma de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, do qual originou a internet, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 17).

3 CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. 9. ed., São Paulo: Paz e Terra, v. 1, p. 442.

4 LEVY, Pierre. Op. cit., p. 12.

para vislumbrar a nova realidade social que está nascendo nesse universo sógnico. O que consideramos é que o ciberespaço é, hoje, um lugar onde pessoas concretas interagem, de modo a “marcar a sua existência”. Faz parte de uma grande revolução, já antiga, que exprime o desejo humano de conhecer e construir relações e, a partir daí, encontrar o seu sentido no mundo.

A perspectiva humanista das redes

A análise das redes digitais, numa perspectiva humanista, supõe considerar o ser humano como um ser de relações, que é uma categoria antropológica fundamental e que encontra no ambiente digital inúmeras possibilidades que permitem iniciar, manter e aprofundar contatos. Tais aspectos são profundamente humanos se partimos da ideia de que “expressar-se, falar com o outro, compartilhar com ele, isto é o que define o ser humano”.⁵

Maffesoli, nesta mesma direção, admite que “não existimos senão porque o outro, meu próximo, ou o outro, o social, me dá existência. Sou Fulano porque o outro me reconhece como tal”.⁶ O ser humano necessita do outro para realizar-se como pessoa, mesmo se as relações interpessoais não são perfeitas e acabadas. De fato, ao mesmo tempo que a comunicação é o meio para entrar em contato com o outro, que é o horizonte, o que todos desejam, concomitantemente, é o que também, geralmente, é temido, porque aproximar-se do outro nunca é fácil. Somente a comunicação permite

orientar esta relação ambivalente entre uma pessoa e outra.⁷

Tal relação ambivalente, que se dá no processo comunicativo, compreende encontros e desencontros. O resultado da comunicação nem sempre é o que as pessoas esperam, pois o seu resultado está sempre na interpretação que o outro faz do que alguém deseja transmitir. Uma vez que estar em comunicação é estar emitindo sinais, qualquer sinal recebido do outro será transformado na cabeça de alguém em sinais seus, em suas sensações, em percepções absolutamente próprias, influenciando o resultado da interação. É patente que jamais na história tem-se falado tanto de comunicação, como se ela fosse resolver todos os problemas: a felicidade, a igualdade, o desenvolvimento de indivíduos e dos grupos. Por outro lado, as ideologias e os conflitos se disseminam.⁸

Mesmo se a comunicação pode ter as suas limitações, ela não deixa de ser uma necessidade vital na busca de sentido. É o que defende Flusser ao afirmar que a comunicação humana tem como propósito promover o esquecimento da solidão e de uma vida que desemboca na morte. Ela ajuda a dar sentido à vida; a tornar a vida vivível. Segundo o mesmo autor, a comunicação alcança esse propósito na medida em que estabelece um mundo codificado, ou seja, um mundo construído a partir de símbolos ordenados, no qual se represam as informações adquiridas.⁹

Esses dados são importantes para a compreensão do ser humano enquanto um

5 WOLTON, Dominique. *Pensar la comunicación*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007, p. 42.

6 MAFFESOLI, Michel. *O Instante eterno*. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003, p. 32.

7 WOLTON, Dominique. Op. Cit., p. 42.

8 SFEZ, Lucien. *La comunicación*. Buenos Aires: Amorrorto, 2007, p. 9.

9 FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. São Paulo: CosacNaify, 2007, p. 96.

ser fundamentalmente de relações, e que busca satisfazer essa necessidade também a partir da linguagem simbólica produzida tecnologicamente. Esta constatação leva-nos a evitar juízos ou análises precipitadas acerca das redes sociais digitais como, por exemplo, a de que é um mundo paralelo ou mesmo oposto às relações presenciais, que isola o indivíduo do mundo real.

Dentre os que defendem essa tese está Andrew Keen para quem, na internet, estamos inteiramente sós. Para esse autor, “na nossa era digital, ironicamente, nos tornamos mais divididos que unidos, mais desiguais que iguais, mais ansiosos que felizes, mais solitários que socialmente conectados”.¹⁰ Keen se esquece que a divisão e a desigualdade, assim como a infelicidade e a solidão já haviam sido apontados, num passado recente, como consequência do uso do livro e da televisão. Tal posição radical impede perceber que, não obstante seus limites, a rede digital é também um espaço onde as pessoas buscam, ao menos, ser percebidas, aspecto intrínseco à realidade humana.

Se o desejo de ser reconhecido como pessoa, como “existente”, é fundamental para qualquer pessoa, não podemos admitir oposição entre comunicação presencial e comunicação digital. Os sinais difusos tanto nas redes sociais como nos contatos diretos são complementares e permitem intercambiar e produzir sentido. E isto se dá sempre num contexto vital, numa determinada ambiência que, atualmente, encontra no ciberespaço um lugar privilegiado.

A vida na rede digital

No universo das redes digitais, a comunicação não se restringe ao compartilhamento da vida, mas compreende também o conjunto de técnicas usadas para aproximar pessoas. No contexto dessas técnicas tem-se dado o desenvolvimento de comunidades e redes sociais *on-line*, ou redes na *web* que, seguramente, é um dos maiores acontecimentos dos últimos anos.

Conforme esclarece Santaella,¹¹ o conceito de redes sociais é mais amplo do que o de redes na *web*, pois podem existir redes sociais fora da *web*. A internet incrementou grandemente as possibilidades de formação, desenvolvimento e multiplicação de redes sociais. É nesse contexto que a referência “redes sociais na internet” foi emergindo e ocupando cada vez mais o lugar outrora utilizado por outra expressão – “comunidades virtuais” – embora ainda seja possível juntar as duas quando se fala de comunidades virtuais nas redes sociais.¹²

Nas redes sociais, tais como Facebook, MySpace, Orkut, LinkedIn, Xing, Pulse ou nas milhares de comunidades criadas através de *softwares* livres, nos meios de comunicação social, indivíduos constroem redes de contatos, de amigos e de relações, participam de clubes, instauram grupos de trabalho, trocam mensagens, compartilham suas paixões, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimentos, realizam encontros amorosos ou profissionais, desenvolvem operações de *marketing* e entregam-se a todas as espécies de jogos coletivos.¹³

10 KEEN, Andrew. *Vertigem digital*. Por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. São Paulo: Zahar, 2012, p. 77.

11 SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista*, p. 272.

12 Ibidem, p. 268.

13 LEMOS, André-LÉVY, Pierre. Op. cit., p. 11-12.

Nesse contexto vital, as “comunidades virtuais” não se opõem às “comunidades físicas”. As comunidades virtuais apenas surgem como formas diferentes de comunidade, com leis e dinâmicas específicas, porém, que interagem com outras formas de comunidade. Uma como outra funcionam tanto *on-line* quanto *off-line*.¹⁴

Evidentemente, é oportuno esclarecer, como fazem Lemos e Levy,¹⁵ que não se pode generalizar para toda forma socialmente agregadora da internet o rótulo de comunitária. Isto é, podemos ter agrupamentos comunitários ou não, a depender da forma de integração de seus usuários e do pertencimento simbólico e temporal. Em certas situações, pode haver compartilhamento no espaço telemático e simbólico (mensagens instantâneas, *blogs*, *softwares* sociais, *microblogs*, *websites*), porém, sem qualquer vínculo afetivo ou temporal.

O que marca as redes sociais, e este é o foco deste trabalho, é o espaço criado de comunicação, um ambiente em que as relações interpessoais “reais” de confiança, afinidade e reciprocidade são criadas e mantidas voluntariamente, e não simplesmente porque estão situadas em um mesmo local físico.¹⁶ Nesse sentido, as redes sociais *on-line* tornam-se cada vez mais “táteis”, em que é doravante possível sentir continuamente o pulso de um conjunto de relações.

As pessoas na ambiência digital não se absterem do que são, do que pensam, do que

desejam. Quem está presente nas redes digitais está presente com as suas ideias, com os seus desejos, com os seus sentimentos e, porque não dizer, com o seu corpo. De fato, é por meio dele, de modo especial, com as pontas dos dedos, que o internauta se move de um lado para o outro e cria e desenvolve as relações interpessoais. Como afirma Flusser, as pontas dos dedos são indispensáveis para pressionarmos as teclas. O homem no futuro garantirá sua existência graças às pontas dos dedos; as pontas dos dedos são “órgãos” de uma escolha, de uma decisão.¹⁷ Esse futuro de que fala Flusser já começou.

O fenômeno Facebook

Dentre as ambiências nas quais cresce cada vez mais o número de usuários, está a rede social Facebook que em setembro de 2012 chegou à marca de um bilhão de usuários ativos.¹⁸ Isso significa que um em cada sete habitantes do planeta está presente nesse ambiente digital.

Em pouco tempo, o Facebook tornou-se um lugar privilegiado de contatos, que nasceu de maneira simples, sem muitas pretensões. Tudo começou em 2001, quando um jovem estudante de Harvard, chamado Mark Zuckerberg, lançou um site chamado “the facebook” como um serviço para ajudar a rede de estudantes da universidade dessa cidade a contactarem-se entre si. Em apenas 24 horas, mil pessoas aderiram ao projeto e um mês depois, a metade dos alunos havia criado um perfil. O serviço logo se estendeu a universidades de elite, como

14 CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*, 2007, v. 1, p. 444.

15 LEMOS, André-LÉVY, Pierre. Op. cit., p. 102.

16 SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, 2.ed., São Paulo: Paulus, 2011, p. 244.

17 FLUSSER, Vilém. Op. cit., p. 63.

18 <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html>>.

Stanford e Yale, e pouco tempo depois a outras dos Estados Unidos. Em 2005 o nome foi reduzido para Facebook e um novo fenômeno nasceu¹⁹.

O Facebook não foi a primeira rede social. Provavelmente as primeiras foram a Friendster e a Tribes. Entretanto, se focamos sobre o aspecto comunitário das redes sociais, temos também precursores como o ex-BBS The Well, lançado por Stuart Brand em 1985 e The Globe, uma comunidade iniciada em 1994 por Stephan Paternot e Todd Krizelman, estudantes da Universidade de Cornell. Quando surgiu o Facebook, a ideia de conexão mediante o uso de perfis e foros já estava consolidada.²⁰ A dissiminação de tal fenômeno comprova que ninguém, hoje, pode pensar a sua vida e o processo de sua formação à margem das tecnologias que o rodeiam. É prova de que cada geração desenvolve destrezas particulares no contato com um ecossistema de dispositivos tecnológicos que por sua vez incorporam valores, uma estética específica, novas formas de ver e experimentar o mundo.²¹

As tecnologias digitais geraram o Facebook, que se transformou num espaço e numa nova maneira de se relacionar e de estar no mundo. Isso confirma que, como esclarece Flusser, “a comunicação humana é um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados

em códigos”²². A partir do perfil de cada usuário, a rede social digital, como o Facebook, tem permitido diversas formas de publicação em um só espaço pessoal, unificando códigos e instruções para todos, no qual cada um pode expor-se, contatar outros usuários e, por meio da publicação de fotos, vídeos, textos, revelar o que pensa. Aliás, a possibilidade de publicar um álbum de fotos e compartilhá-lo como “amigos” é um dos principais atrativos da rede, que satisfaz a sede de visibilidade e de aproximação.

Conforme constata Ciuffoli-López, a partir de acurada pesquisa, diante da pergunta, “por que você se registrou no Facebook pela primeira vez?”, uma das respostas mais frequentes indicou que o motivo era para ver (para se ver) nas páginas de seus amigos²³. Isto denota o desejo humano de garantir a própria “visibilidade” que, no fundo, está ligado à necessidade de ser percebido. Isto não significa, segundo a provocação de Keen, que “se o Facebook for deletado, eu também serei”²⁴, mas que enquanto alguém está inscrito nessa ou noutra rede digital, tem uma possibilidade a mais de se mostrar, de ver e ser visto, de sentir a vida e poder compartilhar experiências.

Existir na ambiência Facebook

O Facebook cresce, cada vez mais, como lugar para o compartilhamento da vida.

19 VV.AA., *El proyecto Facebook y la pos universidad*. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje. Barcelona: Ariel, Fundación Telefónica de Argentina, 2010, p. IX.

20 Ibidem, p. IX.

21 BALESTRINI, Mara. El traspaso de la tiza al celular: celumetrajés en el proyecto Facebook para pensar con imágenes y narrativas transmedia. In: VV.AA., *El proyecto Facebook y la pos universidad*. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje. Barcelona: Editorial Ariel, Fundación Telefónica de Argentina, 2010, p. 36.

22 FLUSSER, Vilém. Op. cit., p. 89.

23 CIUFFOLI, Clara-LÓPEZ, Guadalupe. Facebook como paradigma de la alfabetización digital en tiempos de barbarie cultural. In: VV.AA., *El proyecto Facebook y la pos universidad*. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje. Barcelona: Ariel, Fundación Telefónica de Argentina, 2010, p. 114.

24 KEEN, Andrew. Op. cit., p. 79.

Tem-se tornado, de fato, um espaço social, até com consequências políticas. Para entender esta realidade é necessário superar todo tipo de dicotomia tão intrínseca à cultura ocidental, seja pela influência platônica, seja pelas bases do pensamento racional, fundamentado na filosofia cartesiana.

A célebre mas redutiva afirmação de Descartes “penso, logo existo” está cada vez mais questionada, e vai sendo superada à medida que vamos descobrindo quão complexa é a realidade na qual o ser humano vive. Conforme afirma Merleau-Ponty, “não é porque eu penso ser que estou certo de existir, mas ao contrário, a certeza que tenho de meus pensamentos deriva de sua existência efetiva”.²⁵

Tal existência supõe não somente o pensamento mas também a ambiência que, por sua vez, implica a relação entre pessoas, ou seja, um contexto social. De fato, “precisamos redescobrir, depois do mundo natural, o mundo social, não como objeto ou soma de objetos, mas como campo permanente ou dimensão de existência: posso desviar-me dele, mas não deixar de estar situado em relação a ele”.²⁶

Estar no Facebook é uma maneira situar-se no mundo das relações humanas mediadas tecnologicamente e com inúmeras possibilidades de interação. É um modo de existir, uma vez que participar no Facebook implica também ações corporais muito fortes que compreende assistir, sentir, comentar, assentir, reprovar, somar etc., as publicações nas relações interativas.

Ainda que a frase “*Estou no Facebook, logo existo*” não seja conscientemente pro-

nunciada pelos usuários, o sentimento subjacente de quem habita o ciberespaço certamente é o de satisfação de poder ser “percebido” nas infovias. Estar no Facebook ou em qualquer rede social é uma maneira do usuário tornar-se visível, de sentir que o outro se dá conta da sua existência e isso já é motivo para encontrar um sentido. É estar num ambiente que, em certa medida, contribui para superar a solidão, considerando que “o homem comunica-se com os outros porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão”.²⁷ Esta é uma das chaves de compreensão do sucesso das redes sociais, de modo especial do Facebook.

No Facebook não há autismo. Do mesmo modo que existimos porque o outro nos dá a existência, um perfil sem amigos seria invisível. De acordo com Sued, em seu estudo sobre a construção da identidade nessa rede social, para eu ser eu, também tenho que ser outro: “comento para que me comentem, olho para que me olhem. O outro, na verdade, constitui o meu ‘eu’: comenta em minha página, me etiqueta em fotos, coloca fotos no meu perfil, escolhe, ou não, mostrar-me e mostrar-se, mostrando-se”.²⁸

De fato, a sociedade informatizada instituiu um corte profundo com o passado, como foi o corte ocorrido na sociedade agrária pela Revolução Industrial. Hoje, o critério é quantitativo: quantos mais veem minha vida, melhor. Construimos a nossa identidade no Facebook, porém, o Face-

27 FLUSSER, Vilém. Op. cit., p. 91.

28 SUED, Gabriela. Pensando a Facebook, una aproximación colectiva por dimensiones. In: VV.AA. *El proyecto Facebook y la pos universidad. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje*. Barcelona: Ariel, Fundación Telefónica de Argentina, 2010, p. 63.

25 MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 511.

26 Ibidem, p. 485.

book contrói o modelo de identidade socialmente aceita nos tempos atuais.²⁹

Paulatinamente, todas as esferas da vida parecem ter sido tocadas pelo Facebook, a rede social mais populosa do planeta. Velhas dicotomias têm-se diluído à medida que vamos concebendo o ser humano como um ser integral, em cuja vida entram todos os elementos do seu ambiente, dentre esses as tecnologias digitais. A construção da identidade, o público *versus* o privado, as relações entre familiares, amigos, casais, companheiros de trabalho têm encontrado um novo espaço real de discussão, levando a compreender que a experiência digital e a do mundo presencial são inseparáveis. Não são mundos opostos, mas partes de uma mesma realidade vivida em muitos níveis, tanto simultânea como alternativamente.

Conclusão

Uma nova realidade humana está nascendo no ciberespaço. Evidentemente, o que está acontecendo no mundo das mídias digitais não é algo meramente passageiro, mas consiste numa verdadeira mudança de paradigmas que leva a repensar a própria condição humana comunicacional. Isto significa que tudo o que diz respeito ao homem, à sua existência, ao pensamento, às relações humanas, à produção de conhecimento nas diversas áreas das ciências deve ser repensado em base às novas categorias.

Isto não quer dizer que estar no ciberespaço seja estar numa vida paralela à presencial, mas que as práticas de sociabilidade e o espírito de comunidade estão presentes também nas redes digitais. Já nos inícios

dos estudos sobre esse fenômeno, diversos autores usavam o conceito de “comunidade virtual” para descrever esses novos territórios virtuais que primam pela socialização e a comunicação a partir de interesses compartilhados e a construção de laços afetivos e solidários, que são aspectos profundamente humanos.

Por outro lado, circula também o raciocínio de que o tempo gasto com a internet é tempo perdido, de que as pessoas que ali navegam camuflam a própria identidade, de que é uma realidade que aliena etc. Visões como essas vão sendo superadas à medida que a humanidade vai mergulhando no universo digital, que não tem volta. Pois, a camuflagem da identidade e a alienação não nasceram no ciberespaço, mas já aconteciam – e se dão! – também nas relações humanas presenciais.

O importante é destacar que por trás da afirmação “estou no Facebook, logo existo”, tema deste trabalho, está a realidade humana da comunicação, como confirmação de alguém pelo outro e do outro por alguém³⁰. O reconhecimento da pessoa como ser vivo, conforme vimos, é uma das necessidades básicas da existência humana e impulsiona o processo de comunicação, com seus avanços e retrocessos, seja na realidade “presencial” seja nas plataformas digitais.

Isto significa que não basta aparecer ou torna-se “visível”, ainda que digitalmente. Nesse sentido, há algo de irônico no título do nosso trabalho, que não podemos ignorar. Evidentemente, não basta estar no Facebook para “existir”. A existência é muito mais complexa. Depende também do mundo presencial, daí a razão de enfatizarmos a

29 Ibidem, p. 63.

30 MERLEAU-PONTY, Maurice. Op. cit., p. 252.

necessidade de compreender as redes digitais em sintonia com o mundo vivido presencialmente.

As facilidades da interação proporcionadas pelas tecnologias digitais não bastaram para melhorar o conteúdo do intercâmbio,³¹ ainda que tenham facilitado a aproximação, graças à sua capacidade de interatividade entre os sujeitos, superando os limites de tempo e de espaço. Porém, não basta o simples compartilhamento de informações. O desafio é tornar a comunicação mais “humana”. Por humana entendemos uma vida que dá ênfase não tanto ao que se refere à quantidade de informações, ou à simples visibilidade, mas às ações e aos conteúdos que contribuem para a qualidade das relações que geram, de fato, interação.

Acreditamos que a qualidade das relações não depende da tecnologia em si, mas

do uso que dela se faz e do conteúdo que ali são introduzidos, mas sempre considerando que a conquista de uma sempre maior qualidade inclui o mundo na sua totalidade, uma vez que não existe mundo digital isolado do mundo presencial. De fato, referente ao uso, é patente, por exemplo, como a rede pode aproximar os usuários dos que estão longe e, por outro lado, distanciar dos que estão perto, presencialmente.

Isso mostra que a interação, o objetivo principal de toda comunicação, não é algo simples, que a tecnologia por si mesma pode resolver, por mais que rompa os desafios do tempo e do espaço. A pessoa humana ainda é a responsável pela qualidade e pela construção de um mundo mais interativo, por mais difícil que seja construí-lo, que vai muito além da simples visibilidade.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. 9. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2007. v. I.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*, São Paulo: CosacNaify, 2007.

KEEN, Andrew. *Vertigem digital*. Por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. São Paulo: Zahar, 2012.

LEMONS, André-LÉVY, Pierre. *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *O Instante eterno*. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

31 WOLTON, Dominique. Op. cit., p. 28.

SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SFEZ, Lucien. *La comunicación*. Buenos Aires: Amorrorto editores, 2007.

VV.AA., *El proyecto Facebook y la pos universidad*. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje. Barcelona: Editorial Ariel, Fundación Telefónica de Argentina, 2010.

WOLTON, Dominique. *Pensar la comunicación*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

Site

<<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html>>.